



## **Estratégia e responsabilidade socioambiental: a adoção de estratégias de responsabilidade socioambiental para ganho de competitividade no setor fumageiro.**

Thatiana Pedroso Pereira MONTEIRO<sup>1</sup>

Jonathan Santos SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduada em Administração pela Faculdade de Alagoas – FAL;  
Pós-graduada pela Universidade Federal de Lavras  
thatianamonteiro@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Administração pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca  
jonathansilva.ufal@gmail.com

### **RESUMO**

A atividade fumageira tem sido objeto de críticas em todo o mundo devido aos seus efeitos nocivos ao ser humano, que permeiam tanto a saúde dos indivíduos quanto ao meio ambiente que os circundam. Com intuito de refletir esta questão sob contexto da competitividade, este trabalho por meio de um ensaio bibliográfico, procurou mostrar que para se adaptar a este cenário, a atividade passou a utilizar a aplicação de ações sustentáveis sócio-ambientais na cadeia produtiva com o objetivo de ser aceita pela sociedade diante de seus pontos negativos. Desta forma foi apresentada uma contextualização do setor acerca do seu surgimento e os seus impactos no ambiente e quais as medidas que estão sendo tomadas, para que essa cultura não seja suprimida pelas constantes regulamentações propostas pelos movimentos pró-saúde.

Palavras-chave: **Tabaco, meio ambiente, saúde, social.**

### **ABSTRACT**

The activity of tobacco has been criticized around the world due to its harmful effects to humans, which pervade both the health of individuals and the environment surrounding them. In order to reflect this issue in the context of competitiveness, this work by means of a bibliographic essay, sought to show that to fit this scenario, the activity started using the application of sustainable socio-environmental actions in the supply chain in order to be accepted by the society before its drawbacks. Thus was presented a background in the industry about their appearance and their impacts on the environment and what measures are being taken, so that the culture is not suppressed by the proposed regulations set out by the pro-health movement

Keywords: **Tobacco, environment, health, social.**



## Introdução

A sustentabilidade ambiental nas atividades empresariais tem passado de estratégia de diferenciação para se tornar obrigatoriedade desde a concepção de uma organização econômica. A cobrança pela sociedade de atividades relacionadas ao tema surge como um alerta aos empresários acerca das mudanças climáticas ocorridas com maior intensidade desde a década de 90, com as notificações sobre problemas na camada de ozônio e derretimento das calotas polares, de forma que estes compensem os estragos causados ao meio ambiente desde a Revolução Industrial em prol da continuidade e qualidade de vida no planeta.

Diante desse contexto, o agronegócio representa uma das atividades que está intimamente ligada à conservação do meio ambiente, visto que esta explora diretamente os recursos provenientes da terra através do cultivo de plantas e da criação de animais, dos quais podem derivar alimentos, vestuário, remédios, entre outros. Todos esses produtos podem impactar positiva ou negativamente na vida da sociedade e como objeto de estudo, este trabalho contempla a cultura fumageira, que se encontra, neste momento, em um impasse acerca dos malefícios causados à saúde humana e à preservação ambiental, no que tange ao consumo de cigarros e o intensivo uso de agrotóxicos, e benefícios econômicos, referentes à geração de renda para os agricultores, indústrias e governo.

Em 2005 foi criado um documento pela Organização Mundial da Saúde – OMS, no qual constam diversas medidas a serem tomadas contra a proliferação do consumo do cigarro – principal produto do tabaco – visto que vem contribuindo com aumentos significativos na incidência de casos de câncer e problemas cardiovasculares em pacientes.

Neste quadro, o desenvolvimento econômico vem contrapor a essas medidas para se diminuir o consumo ao alegar que o cultivo do fumo além de ser mais rentável que outras culturas, praticadas sob as mesmas condições de plantio, impede a migração rural e contribui significativamente na arrecadação de impostos para o governo.

De modo que esta cultura firmada há tantos anos não seja extinta e nem sucumbida aos movimentos anti-tabagistas, o setor tem recebido destaque em ações ambientais. Segundo exposto no Anuário Brasileiro do Tabaco de 2009, nenhuma outra cultura, encontra-se tão determinada a reduzir o uso de agrotóxicos em seus processos produtivos; utilizar o cultivo mínimo e plantio direto e a aderir a programas de qualidade – ISO 14.001 – em toda a sua cadeia produtiva.

Diante deste cenário, este estudo vem demonstrar o quão relevante a atividade fumageira vem se tornando diante da consciência global voltada para as questões ambientais, sendo necessário contextualizar a atividade, o seu surgimento e desenvolvimento; as adversidades enfrentadas e como medidas ambientais podem se tornar um fator de competitividade.

Esta pesquisa trata-se de um estudo descritivo e bibliográfico. Descritivo porque visa descrever como a agroindústria fumageira está se utilizando da aplicação da responsabilidade ambiental em sua atividade como forma de contornar os impactos negativos que os movimentos anti-tabagistas refletem em suas atividades comerciais e bibliográfico porque recorrerá ao uso de material acessível ao público em geral, como artigos, livros e em órgãos como a AFUBRA, Sinditabaco, OMS, IBGE, dentre outros que disponibilizam dados relativos à quantidade de produtores, níveis de produção e comercialização.



## O uso do tabaco: um breve histórico

Os primeiros registros da utilização do tabaco foram feitos na América Central, antes da colonização do “novo” continente pelos europeus. A planta era empregada em rituais religiosos pela sociedade indígena local. Logo após esse primeiro contato entre os estrangeiros e a planta, esta foi levada para a Europa, apresentada “inicialmente como um bálsamo para curar dor de cabeça. Aos poucos, foi sendo associado a novos hábitos e constituiu fonte de prazer e de estímulo à cordialidade social” (AFUBRA 2009, p. 11). Como parte de costume local, tornou-se aliado do café e das bebidas e durante ou depois das refeições diárias.

A indústria do tabaco somente veio a se estabelecer de forma representativa a partir do século XIX, com a invenção da máquina de confeccionar cigarros, sendo o setor, na época, dominado por empresas estadunidenses e britânicas (BOEIRA e JOHNS, 2007).

Considerada uma grande geradora de renda e de tributos, a cultura do tabaco se estabeleceu na economia mundial como uma atividade de fácil cultivo, sendo praticada, no Brasil, principalmente por minifúndios familiares. Suas vantagens são o curto prazo de maturação e a dispensa de mecanização, além de demandar apenas uma fração das terras da propriedade para prover ganhos satisfatórios.

Essas propriedades não cultivam exclusivamente o tabaco, a diversificação de culturas compõe a produção de milho, feijão, soja, arroz, dentre outras. No entanto, a que gera maiores ganhos financeiros é a produção do tabaco. Na figura 01 pode-se ver como são compostas as propriedades familiares produtoras de fumo no sul do país.

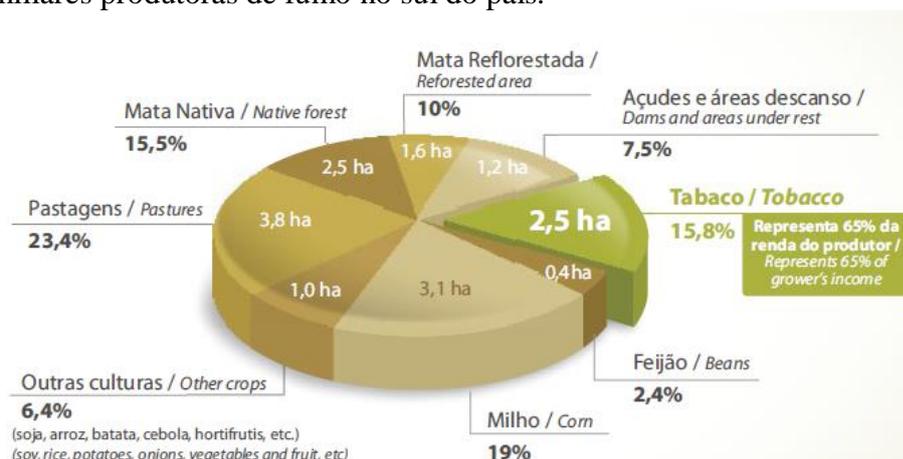


Figura 01 – Área média por propriedade – 16,1 hectares

Fonte: AFUBRA (2009)

Segundo dados do Anuário 2009, o Brasil é o segundo maior produtor e o maior exportador mundial de tabaco, destinando cerca de 40% do total de suas vendas para o continente Europeu. Ainda como grandes produtores tabagistas, destacam-se: China, Índia, Estados Unidos, Malavi, Turquia, Indonésia, Argentina, Itália e Tailândia, havendo outros, porém com menos expressividade que os aqui destacados.

Expondo ainda dados do Anuário, a cultura tabagista encontra-se dividida entre 2 regiões do Brasil: Sul e Nordeste. No Sul está presente nos três estados da região e no Nordeste, nos estados de Alagoas, Bahia e Sergipe; envolvendo na atividade um total de 223.640 famílias, 410.870 hectares e uma produção de 792.790 toneladas (dados referentes à safra de 2008/2009).

Indo de encontro à produção e comercialização do tabaco, encontram-se os movimentos anti-tabagistas que o setor vem sofrendo ao longo do século XXI, devido ao seu



comprovado malefício à saúde humana na causa de doenças; e apoiados pela Organização Mundial de Saúde – OMS -, foi feito um acordo, no qual 129 países signatários, entre eles o Brasil, se comprometeram a adotar medidas de mitigação do uso do tabaco pela população em prol da qualidade de vida desta.

O objetivo principal deste documento é proporcionar às pessoas o direito de terem o melhor padrão de saúde possível e a consequente redução da demanda por tabaco sob os seguintes prismas:

1. Preço e impostos; e
2. Medidas não tarifárias:

No que tange a medidas não-tarifárias o documento exemplifica exhaustivamente as seguintes proposições:

1. Proteção à exposição à fumaça;
2. Regulamentação dos produtos utilizados em seu conteúdo;
3. Tornar essa regulamentação acessível à população;
4. Educação, comunicação, treinamento e consciência pública;
5. Expor à população, através de propagandas, os riscos do tabaco;
6. Reduzir a demanda através da conscientização da dependência do tabaco e sua extinção.

Em paridade de importância com a qualidade de vida, existem pressões internacionais sob a alegação de custo social, no uso de trabalho infantil; e de custo ambiental, como agressões à camada de ozônio, a rios e lençóis freáticos, entre outros aspectos (SAMPAIO, VITAL e COSTA, 2006).

Para a secagem do fumo, após sua colheita, é necessária a permanência do mesmo em estruturas de secagem, ou estufas, alimentadas com lenha. No caso específico do Brasil, o tabaco curado em estufa é o mais cultivado no país, respondendo por cerca de 70% da produção total. Segundo dados das empresas fumageiras, são consumidos 31,6 metros cúbicos de lenha para a secagem de um hectare de fumo e existem 120 mil fornos para cura do tabaco em nosso país. Se multiplicarmos o consumo de cada estufa pela área plantada no sul do Brasil veremos que são consumidos anualmente 13,2 milhões de metros cúbicos de lenha. Estima-se que 50% dos produtores são auto-suficientes na produção de lenha através do plantio principalmente de eucaliptos. A outra metade, no entanto, utiliza a mata nativa como sua principal fonte de lenha. Isto significa milhares de hectares de floresta nativa derrubada para a secagem do fumo anualmente (AMARAL, TAGLIARI e ZOLDAN, 2010).

Além da destruição de parte da flora nativa brasileira, a queima de lenha na secagem contribui diretamente para o aquecimento global, através da liberação de gás carbônico (CO<sub>2</sub>) na atmosfera, este detém a capacidade de reter a radiação infravermelha e principal responsável pelo efeito estufa.

Neste contexto de aspectos negativos, em contraposição, aparecem as insatisfações de representantes de governo e da iniciativa privada em relação à diminuição da atividade, com a justificativa de que haveria perda para a economia como um todo, aumento do desemprego e, na situação brasileira, custo de oportunidade negativo, já que o cultivo de outras plantas seria menos rentável. Isso acontece pelo fato de as áreas de cultivo serem predominantemente propriedades pequenas e de relevo geralmente acidentado (NARDI, 2004).

O apelo social consiste em um forte pilar de justificativas para se manter a agroindústria do tabaco. Sendo este formado significativamente de produtores familiares, a possibilidade de decadência de suas produções pode vir a gerar um êxodo rural e assim trazer



maiores problemas sociais, como aumento de favelas, violência, dentre outros, causados pela falta de emprego urbano e baixas remunerações.

Segundo o Banco Mundial (2010), em seu documento sobre controle do tabagismo e políticas de desenvolvimento, muitos países não são adeptos ao movimento anti-tabaco, tendo como motivo primordial os benefícios que o tabaco gera na sua cadeia de produtiva (figura 02): plantio, processamento, industrialização, exportação e tributação.

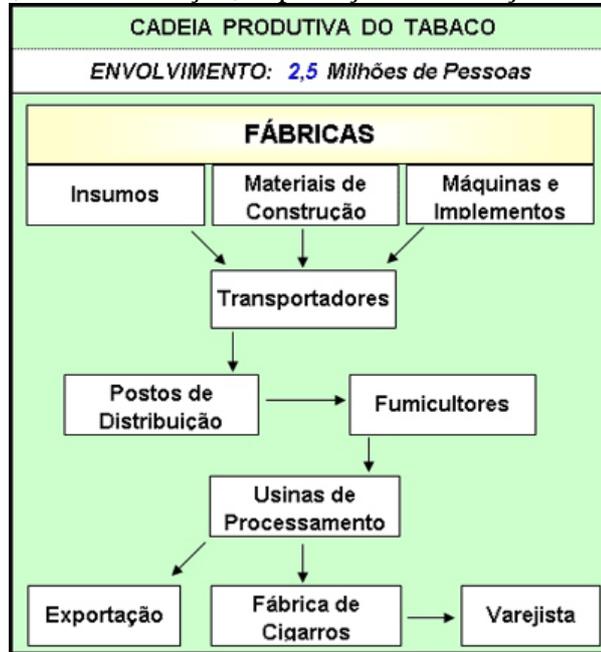


Figura 02 – Cadeia Produtiva do Tabaco  
Fonte: AFUBRA (2009)

Em relação à tributação, o governo vem ganhando cada vez mais com a indústria fumageira. Nos últimos três anos a porcentagem média de impostos sobre os ganhos monetários do setor foram da ordem de 73,36%, sendo o IPI e o ICM Indústria os de maiores alíquotas. (Figura 03)

CIGARROS E OS IMPOSTOS BRASIL						
ESPECIFICAÇÃO	2007		2008		2009	
	R\$	%	R\$	%	R\$	%
IPI	3.413.850.830,00	31,09	3.731.373.660,00	31,71	3.815.060.500,00	34,54
ICM Indústria	2.745.342.850,00	25,00	2.942.151.150,00	25,00	2.754.734.250,00	24,94
ICM Varejo	231.706.940,00	2,11	248.317.560,00	2,11	232.499.570,00	2,11
Selo de Controle	658.882.280,00	6,00	706.116.280,00	6,00	661.136.220,00	5,99
Cofins	520.517.000,00	4,74	557.831.860,00	4,74	591.716.920,00	5,36
PIS	290.226.660,00	2,64	311.044.220,00	2,64	371.117.800,00	3,36
<b>Total dos Tributos</b>	<b>7.860.526.560,00</b>	<b>71,58</b>	<b>8.496.834.730,00</b>	<b>72,20</b>	<b>8.426.265.260,00</b>	<b>76,30</b>
Margem da Indústria	1.676.218.160,00	15,26	1.646.616.940,00	13,99	1.054.065.070,00	9,54
Margem do Varejo	927.925.880,00	8,45	994.447.090,00	8,45	933.202.270,00	8,45
Margem do Fumicultor	516.700.800,00	4,71	630.705.840,00	5,36	630.281.300,00	5,71
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>10.981.371.400,00</b>	<b>100</b>	<b>11.768.604.600,00</b>	<b>100</b>	<b>11.043.813.900,00</b>	<b>100</b>
<b>Consumo Maços</b>	5.536.078.000		5.295.110.000		4.864.956.000	
<b>R\$/maço</b>	<b>1,984</b>		<b>2,223</b>		<b>2,270</b>	



Figura 03 – Cigarros e os impostos  
Fonte: Receita Federal / Afubra

Neste ponto, incorpora-se as colocações feitas por Amaral *et al* (2010) quando esses comparam os ganhos com tributos e os custos gerados pela atividade. De acordo com esses autores, caso fosse descontado do dinheiro gerado pelo ciclo do tabaco todas as despesas com tratamentos de saúde, redução da capacidade produtiva dos doentes e aposentadorias precoces ocasionadas pelo tabaco, chegaríamos a um saldo negativo para o governo. “Nosso país gasta 5% do seu Produto Interno Bruto (PIB) com os males das substâncias psicoativas. Ou seja, cerca de R\$ 50 bilhões são queimados por ano, mais do que o dobro do orçamento anual do país com saúde pública, estimado em R\$ 22 bilhões”.

Após expor todos esses dados relativos à atividade tabagista, este estudo vem abordar o que tem sido feito neste setor em resposta aos aspectos considerados negativos pela sociedade. Acredita-se que a aplicação de ações sustentáveis, preservação do meio ambiente e inovação de produtos menos agressivos à saúde humana, podem ser tornar estratégias de competitividade, mesmo quando o produto é alvo de tantas regulamentações e críticas (DIAS, 2006).

## Sustentabilidade

A indústria fumageira, como já foi dito, vem sofrendo diversas pressões a fim de conter a expansão da cultura devido aos seus malefícios sócio-ambientais, todavia, antes de explanar acerca das atitudes que estão sendo tomadas para reverter este quadro, é bastante pertinente fazer uma breve explanação sobre o que vem a ser o desenvolvimento sustentável.

O termo desenvolvimento sustentável foi apresentado pela primeira vez na publicação do relatório Brundtland, “O nosso futuro comum” da Comissão Mundial Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD (WWF, 2010).

“As propostas de desenvolvimento sustentável estão baseadas nas perspectivas de utilização atual dos recursos naturais desde que sejam preservados para as gerações futuras” (DIAS, 2006 p.30). Segundo Sachs (1993) este pode ser alcançado pela ocorrência simultânea de três critérios (Figura 04):

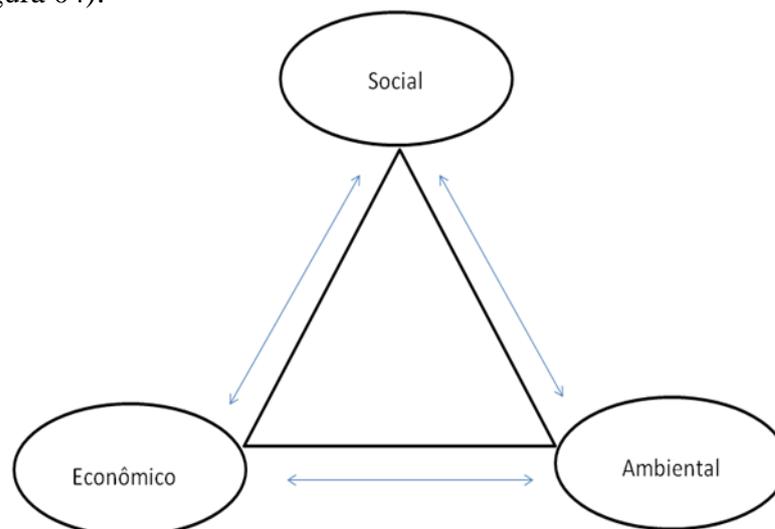


Figura 04 – Equilíbrio dinâmico da sustentabilidade  
Fonte: Dias, 2006.p.41.



Essas três vertentes podem ser observadas do ponto de vista empresarial da seguinte forma: em termos sociais, as empresas devem tratar os empregados de forma igual, buscar proporcionar melhores condições de trabalho e tornar seus dirigentes mais ativos nas atividades socioculturais das comunidades que circundam a unidade produtiva; na parte ambiental, a empresa deve adotar uma postura de responsabilidade ambiental, aderindo a métodos de produção mais limpa, não contaminar qualquer tipo de ambiente natural e pautar-se na eco-eficiência de seus processos produtivos; e do ponto de vista econômico, as empresas precisam ser economicamente viáveis, procurar ser sustentáveis levando em consideração rentabilidade da atividade (SACHS, 1993).

Ainda a respeito de impactos econômicos, o desenvolvimento sustentável consegue criar vantagens competitivas e novas oportunidades, tornando-se assim um bom negócio. A cada dia o consumidor está mais preocupado com a questão ambiental e acredita que comprando um produto ou serviço de uma empresa responsável, também estará preservando o meio ambiente, outro ponto se relaciona com o desenvolvimento de novas tecnologias, como equipamentos geradores de energia eólica e solar, motores automotivos menos poluentes, dentre outros.

O desenvolvimento dessas tecnologias ambientalmente corretas foi a alternativa encontrada para se obter viabilidade e competitividade econômica das indústrias já em atividade e como oportunidade para o surgimento de novas.

Segundo Porter (1980) “o sucesso da estratégia competitiva de uma empresa depende de como esta se relaciona com o ambiente”, é preciso entender e oferecer o que o mercado está disposto a consumir, e agregar ao seu produto ou serviço a variável sustentabilidade pode proporcionar aumento de *market share* devido aos hábitos mais conscientes da demanda.

Assim tem sido o desenvolvimento da atividade fumageira em meio a forças externas para a redução do plantio e do consumo de seus derivados. A aposta para o setor é transformar seus malefícios à saúde em benefícios para o meio ambiente e inovar em produtos que contenham menor quantidade de substâncias tóxicas para o consumo humano.

No ano de 2009, o tema principal do Anuário do Tabaco foi o desenvolvimento sustentável desta cultura, abordando aspectos sociais e ambientais. No Brasil, entidades atuantes no setor, como as empresas Souza Cruz e Phillip Moris, o sindicato Sindicato da Indústria do Tabaco da Região Sul do Brasil – Sinditabaco - e a Associação dos Fumicultores do Brasil - AFUBRA - trabalham sinergicamente para desenvolver uma visão de responsabilidade sócio-ambiental.

## **Responsabilidade ambiental**

Porter e Linde (1999) relacionam meio ambiente com competitividade. Para os autores, considerando que a tecnologia se encontra em constante processo de mudança, o novo paradigma da competitividade global realça a capacidade de inovação empresarial, entrelaçando a melhoria ambiental com competitividade. “O progresso ambiental exige que as empresas sejam inovadoras para aumentar a produtividade dos recursos – e é exatamente nesse ponto que se situam os novos desafios da competitividade global” (Porter e Linde, 1999: 395), ou seja, a competição internacional mudou nas últimas décadas, evidenciando, no entendimento de Porter e Linde, que melhorias na gestão ambiental são um bom negócio. (FREY e WITTMANN, 2006)

A preocupação comum dentre todos os órgãos envolvidos no setor é a sustentabilidade do negócio, de forma que sejam desempenhadas ações que vão desde a devolução de embalagens vazias de agrotóxicos até “alternativas de renda e fonte de energia do



reflorestamento, promover a consciência ambiental dos produtores de tabaco, incentivando-os a preservar a natureza” (SINDITABACO, 2010).

O Sinditabaco desenvolve projetos de sustentabilidade ambiental exteriorizados em cinco pontos:

1. reflorestamento;
2. preservação do solo e da água;
3. redução do uso de agrotóxico;
4. manejo de embalagens vazias de agrotóxicos; e
5. rastreabilidade.

As áreas de reflorestamento ocupam em média 26% da área total das pequenas propriedades dos produtores, apresentando um dos maiores índices de cobertura florestal. Isto se deve ao constante trabalho de orientadores agrícolas junto aos produtores através de seminários e instruções para se utilizar lenha de origem legal nas estufas de secagem, dando preferência às plantadas pelo produtor. O Sinditabaco, inclusive, disponibiliza um manual de reflorestamento auto-explicativo para seus associados, o qual contém a legislação aplicável e os benefícios de se fazer o reflorestamento.

Quanto à preservação do solo e da água, os produtores integrados na cadeia do fumo recebem orientações sobre técnicas de preservação daqueles a fim de se evitar erosão do solo e sedimentos nos rios para diminuir a poluição nos cursos de água.

O setor tem investido bastante na diminuição dos agrotóxicos usados na lavoura, constatando-se nos últimos anos apenas 1,1kg de ingrediente ativo por hectare.

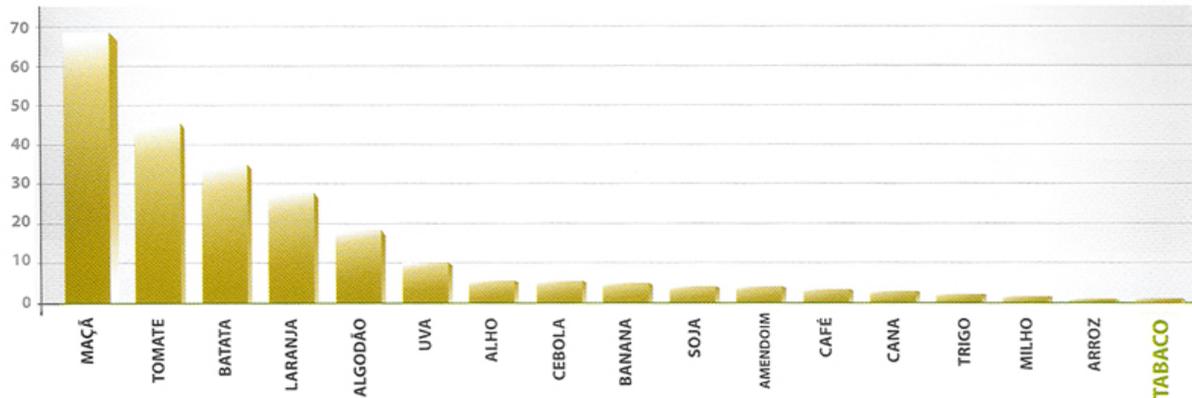
Em termos de redução de agrotóxicos, pode-se citar a eliminação do uso do Brometo de Metila, prejudicial à camada de ozônio. Acordos ambientais fixaram o ano de 2010 como o ano em que o Brometo de Metila, utilizado em inúmeras outras culturas agrícolas na esterilização dos solos para a produção de mudas, deve deixar de ser produzido comercialmente. O Brasil reduziu esse prazo para 2005 e o setor fumageiro do Sul do Brasil resolveu antecipar esse prazo em dois anos, encerrando o uso do produto em 2003. Para substituir o Brometo de Metila, o setor fumageiro desenvolveu tecnologias alternativas, como o sistema Float<sup>1</sup> e, mais recentemente, o “Leito de Substrato”. Segundo declarações divulgadas pelo setor, o fumo é uma das culturas de interesse econômico que menos utiliza agrotóxicos, resultado de um intenso trabalho para reduzir a quantidade de ingrediente ativo, tanto na produção de mudas como na própria lavoura. (FREY e WITTMANN, 2006)

A figura 05 ilustra um gráfico no qual é apresentado o consumo de defensivo pelas principais culturas agrícolas no Brasil. Podendo-se perceber que o tabaco demonstra umas das menores participações em relação ao uso de ativos químicos.

---

<sup>1</sup> O sistema Float é um sistema de produção de muda em bandejas flutuantes e possui três utilidades principais:

- Eliminar o uso de brometo de metila;
- Garantir a qualidade das mudas/lavouras;
- Diminuir a mão de obra.



Nota

Defensivos: herbicida, fungicida, inseticida, acaricida e outros (antibrotantes, reguladores de crescimento, óleo mineral e espalhante adesivo).

Figura 05 – Brasil: consumo de defensivo pelas principais culturas. (kg de ingrediente ativo (IA) p/ha – 2006)

Fonte: Única – União da Indústria de Cana-de-açúcar

Venda de defensivos: Sindag (2007), e estimativa de área plantada: IBGE (2007)

O manejo de embalagens vazias de agrotóxicos também tem sido um projeto de proteção ambiental implementado pelo setor desde o ano de 2000 com o apoio da AFUBRA. Este programa visa à instalação de postos de coleta na zona rural para que as empresas fabricantes desses defensivos evitem que essas embalagens acabem sendo despejadas no meio ambiente e provocando contaminação de solo, água e pessoas. No entanto, essa iniciativa não é unicamente fruto da proatividade fumageira, é também a necessidade de se cumprir o artigo 53 do decreto 4.074 que determina:

Art. 53. Os usuários de agrotóxicos e afins deverão efetuar a devolução das embalagens vazias, e respectivas tampas, aos estabelecimentos comerciais em que foram adquiridos, observadas as instruções constantes dos rótulos e das bulas, no prazo de até um ano, contado da data de sua compra. (PLANALTO, 2010)

Por fim, a rastreabilidade, que possibilita controlar toda a cadeia produtiva com a finalidade de se obter um produto padronizado e dentro das qualidades especificadas pelas empresas. Esse controle visa identificar a origem e como foi produzido cada elemento que irá compor o produto final, assim como quantificar a quantidade de agrotóxicos, eliminar processos desnecessários e materiais estranhos e odores atípicos.

Foi desenvolvido com o propósito de disseminar a importância de se rastrear os componentes do produto, uma cartilha chamada “Programa de Tabaco Limpo”, com temas divididos em três etapas:

- 1º - Importância do uso exclusivo de insumos recomendados e do controle de inços na lavoura;
- 2º - Eliminação de materiais estranhos nos procedimentos de colheita e cura do tabaco;
- 3º - Eliminação de materiais estranhos durante a classificação do produto nas propriedades.

## Responsabilidade social

Assim como atua em atividades de cunho ambiental, a indústria do tabaco aposta em programas sociais também como diferenciação competitiva. No que tange as preocupações sociais tem realizado ações relativas à saúde e proteção do produtor e na educação de seus filhos (AFUBRA, 2009).



A respeito da saúde e segurança do produtor, a indústria do tabaco procura orientar e incentivar os produtores a adotarem boas práticas no ambiente de trabalho: correta armazenagem, manuseio e aplicação de agrotóxicos; uso de equipamentos de proteção individual (EPI) e incentivo à destinação adequada das embalagens vazias dos agrotóxicos.

Além dessas orientações, as empresas atuam fortemente na educação dos filhos dos produtores para que estes venham a ser jovens empresários rurais e continuem no campo futuramente, impedindo a sua eventual mudança para a zona urbana. Para se certificar de que esses jovens estarão em contato com instituições educacionais, no contrato de cada safra, a indústria exige dos produtores atestados de matrícula escolar e registro de frequência no final do ano letivo (SINDITABACO, 2010b)

O Anuário do Tabaco de 2009 ainda aponta para a existência de outros projetos sociais como o “O futuro é agora” e o “Nosso futuro”. O primeiro projeto visa o bem estar da família rural, erradicação do trabalho infantil e o gerenciamento da relação entre os órgãos que participam do setor, ONGS-governo-empresa-produtores. Já o programa “Nosso Futuro”, criado por uma parceria da Alliance One com a Phillip Moris Brasil, contempla ações de melhoria à educação e à qualidade de vida, integrando escola-família e trazendo investimentos como quadra de esportes, salas de informática com acesso à Internet, fornecimento de material didático e alimentação.

A Souza Cruz também implantou em suas atividades o comprometimento com a erradicação do trabalho infantil na lavoura e a conscientização dos jovens sobre os malefícios que o cigarro causa, através da manutenção de um instituto, denominado, Instituto Souza Cruz. Vale ressaltar que este instituto não é uma área ou departamento da empresa, trata-se de uma instituição que tem como único doador a Souza Cruz, mas que possui projetos aprovados pela lei de incentivos, como a Rouanet<sup>2</sup> (JOHNS e MONTEIRO, 2005).

Diante disto, pode-se dizer que o setor vem trabalhando a responsabilidade sócio-ambiental sob diversos aspectos, na elaboração de programas de proteção ambiental relativos a agrotóxicos, controle de qualidade, dentre outros e demonstra também preocupação com o elo mais fraco da cadeia produtiva, os produtores rurais familiares, incentivando-os a olhar para o futuro das novas gerações, para melhorar a imagem negativa que o uso de seus produtos tem causado à sociedade no geral.

## **Considerações finais**

Adaptar-se ao contexto no qual a sustentabilidade sócio-ambiental das ações empresariais e a busca pela sua viabilidade financeira, tornam-se objetos de competitividade das atividades econômicas diante da demanda, que vem mudando sua concepção de adquirir um produto não apenas pela sua utilidade mas também pela sua contribuição social e o que será feito após o seu descarte.

---

<sup>2</sup> Lei nº 8.313 de 19. Instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura, o qual canaliza recursos para o desenvolvimento do setor cultural. “Por meio deste mecanismo, titulares de iniciativas que não se enquadram nos programas do Ministério da Cultura e nas políticas públicas traçadas em determinado período, mas que têm consistência e relevância para competir no mercado, podem buscar apoio junto a pessoas físicas pagadoras de Imposto de Renda (IR) e empresas tributadas com base no lucro real, que por sua vez terão benefícios fiscais sobre o valor incentivado.” Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/2007/11/25/mecanismos-de-apoio/>



Neste cenário de mudança e de constantes cobranças da sociedade e da Organização Mundial de Saúde; as indústrias, as associações e sindicatos do tabaco tentam se regularizar, institucionalizando “boas práticas” de responsabilidade ambiental e social.

Tais práticas tem se materializado da seguinte forma: no âmbito ambiental - projetos de reflorestamento, preservação de solo e água, redução do uso de agrotóxicos e manejo de suas embalagens vazias e da rastreabilidade das substâncias do produto dentro da cadeia produtiva – e no social – interesse na proteção e saúde do produtor, incentivo à educação para seus filhos, manter o trabalhador rural no campo, erradicar o trabalho infantil na lavoura e conscientizar os jovens sobre o uso do cigarro.

Desta forma, considera-se importante estudar as estratégias que este setor tem adotado, principalmente pelo ponto de vista da institucionalização das “ações sustentáveis” para se manter no mercado como questão de sobrevivência, uma vez que se observa que há todo um movimento de conscientização sobre os problemas ocasionados pelo tabagismo, reforçando, assim a questão de mudança de hábitos, consumo e valores.

### Referências bibliográficas

AFUBRA. **Anuário Brasileiro do Tabaco 2009**. Disponível em: <<http://www.anuarios.com.br>> Acesso em 01 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Cigarros e os Impostos**. Disponível em: <[http://www.afubra.com.br/principal.php?acao=conteudo&u\\_id=1&i\\_id=1&menus\\_site\\_id=25](http://www.afubra.com.br/principal.php?acao=conteudo&u_id=1&i_id=1&menus_site_id=25)>. Acesso em 02 set. 2010.

\_\_\_\_\_. **Cadeia Produtiva do Tabaco**. Disponível em: <[http://www.afubra.com.br/principal.php?acao=conteudo&u\\_id=1&i\\_id=1&menus\\_site\\_id=243](http://www.afubra.com.br/principal.php?acao=conteudo&u_id=1&i_id=1&menus_site_id=243)>. Acesso em 02 set. 2010.

AMARAL, E. A. R.; TAGLIARI, P. S.; ZOLDAN, P. **Fumar é Prejudicial ao Meio Ambiente**. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detailhe.jsp?id=47503>>. Acesso em: 23 set. 2010.

BANCO MUNDIAL. **Aspectos Econômicos do Tabagismo & do Controle do Tabaco em Países em Desenvolvimento**. Disponível em: <[http://www.inca.gov.br/tabagismo/frameset.asp?item=publicacoes&link=aspectos\\_economicos.pdf](http://www.inca.gov.br/tabagismo/frameset.asp?item=publicacoes&link=aspectos_economicos.pdf)> Acesso em: 01 set. 2010

BOEIRA, S., JOHNS, P.. Indústria de Tabaco vs. Organização Mundial de Saúde: um confronto histórico entre redes sociais de *stakeholders*. **Revista Interdisciplinar INTERthesis**, América do Norte, 4, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/895/10851>>. Acesso em: 06 Set. 2010.

DIAS, R. **Gestão Ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade**. Paulo: Atlas, 2006.

FREY, M. R.; WITTMANN, M. L. **Gestão Ambiental e Desenvolvimento Regional: uma análise da indústria fumageira**. *EURE (Santiago)* [online]. 2006, vol.32, n.96, pp. 99-115. ISSN 0250-7161.



IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE CIDADES@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=al>>. Acesso em: 03 set. 2010.

JOHNS, P.; MONTEIRO, A. C. Responsabilidade Social Empresarial : a nova face da indústria do tabaco. **Aliança de controle do tabagismo** [online] 2005. Disponível em:< [http://actbr.org.br/uploads/conteudo/50\\_662\\_PUBLICACAO\\_RSE.pdf](http://actbr.org.br/uploads/conteudo/50_662_PUBLICACAO_RSE.pdf)> Acesso em 10 set 2010.

NARDI, J. B. **Fumo e Desenvolvimento Local em Arapiraca/AL**. – Primeiras Observações e Análises para a elaboração do Diagnóstico Sócio-econômico Municipal e Regional. Projeto FAPEAL/CNPq/FUNESA. Arapiraca, 2004.

PLANALTO. **Decreto 4.074**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/d4074.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4074.htm)>. Acesso em: 03 out 2010.

PORTER, M. E. Industry Structure & Competitive Strategy: Keys to Profitability. **Financial Analysts Journal**. v. 36, n. 4. Julho/agosto, 1980, pp. 30-41.

SACHS, I. **Estratégias de Transição para o Século XXI**: desenvolvimento e meio ambiente. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Studio Nobel: Fundap, 1993.

SAMPAIO, Y. S. B. ; VITAL, T. ; COSTA, E. de F. Sucesso e Insucesso no Agronegócio Nordeste. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 37, n. 2, p. 276-295, 2006.

SINDITABACO. **Gestão Ambiental**. Disponível em: <<http://www.sindifumo.com.br/?link=ambiente>>. Acesso em: 03 out. 2010.

\_\_\_\_\_. **Tabaco no Sul do Brasil: uma cultura sustentável**. Disponível em: <[http://www.sindifumo.com.br/pdf/cultura\\_tabaco\\_pt\\_2010.pdf](http://www.sindifumo.com.br/pdf/cultura_tabaco_pt_2010.pdf)>. Acesso em: 03 out 2010.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

WHO - World Health Organization. **WHO Framework Convention on Tobacco Control**. Disponível em: <<http://whqlibdoc.who.int/publications/2003/9241591013.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2010.

WWF BRASIL. World Life Found. **O que é Desenvolvimento Sustentável?** Disponível em: <[http://www.wwf.org.br/informacoes/questoes\\_ambientais/desenvolvimento\\_sustentavel/](http://www.wwf.org.br/informacoes/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/)> Acesso em 12 de janeiro de 2010.